

Clipping - Estudo 'A Carreira Médica e os Fatores Determinantes do Abandono do SNS'

Revista de Imprensa

1. Porque saem os médicos do Serviço Nacional de Saúde?, Renascença - Notícias, 11/12/2017	1
2. Estudo sobre jovens médicos, Renascença - Notícias, 11/12/2017	2
3. Mais de um terço dos médicos da região norte que saiu do SNS foi trabalhar para o setor privado, Antena 1 - Notícias, 11/12/2017	3
4. 1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado, Atlas da Saúde Online, 11/12/2017	4
5. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS, Atlas da Saúde Online, 11/12/2017	5
6. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS, Correio da Manhã Online, 11/12/2017	7
7. 1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado - estudo, Diário de Notícias Online, 11/12/2017	9
8. 1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado, Diário de Notícias Online, 11/12/2017	10
9. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS - estudo, Diário de Notícias Online, 11/12/2017	11
10. Estudo indica que quase 50% dos médicos jovens pensam em emigrar depois de conseguirem título de especialista, Expresso Online, 11/12/2017	13
11. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS, Impala Online, 11/12/2017	14
12. 1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado, JM Online, 11/12/2017	16
13. 1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado - estudo, Jogo Online (O), 11/12/2017	17
14. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS, JM Online, 11/12/2017	18
15. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS - estudo, Jogo Online (O), 11/12/2017	20
16. 1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado - estudo, Jornal de Notícias Online, 11/12/2017	22
17. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS - estudo, Jornal de Notícias Online, 11/12/2017	23
18. Quase metade dos médicos especialistas recebem menos de 3.000 euros brutos por mês, Jornal Económico Online (O) - Jornal Económico Online, 11/12/2017	25
19. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS, Minho Online (O), 11/12/2017	27
20. Remuneração e horários afastam médicos do Serviço Nacional de Saúde, Negócios Online, 11/12/2017	29
21. Cerca de 60% dos portugueses têm obesidade ou risco de desenvolver a condição, Netfarma Online, 11/12/2017	30
22. Um terço dos médicos do Norte que abandonou o SNS foi para o privado, Notícias ao Minuto Online,	32

11/12/2017	
23. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS, Notícias ao Minuto Online, 11/12/2017	33
24. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS, Observador Online, 11/12/2017	35
25. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS, Porto Canal Online, 11/12/2017	37
26. Metade dos jovens médicos admite emigrar quando já for especialista, Público, 11/12/2017	39
27. Metade dos jovens médicos admite emigrar quando já for especialista, Público Online, 11/12/2017	42
28. Estudo. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS, Renascença Online, 11/12/2017	45
29. Estudo. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS, Renascença Online, 11/12/2017	47
30. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no Serviço Nacional de Saúde, RTP Online, 11/12/2017	49
31. SNS insatisfaz três em quatro médicos da Região Norte, RTP Online, 11/12/2017	51
32. Metade dos jovens médicos admite emigrar quando já for especialista - Notícias, Rádio Nova Online, 11/12/2017	53
33. Três em cada quatro médicos estão insatisfeitos, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 11/12/2017	56
34. Quase metade dos médicos quer emigrar quando se tornarem especialistas, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 11/12/2017	58
35. 3/4 dos médicos do norte insatisfeitos com SNS; 36,1% já saíram para privado, SIC Notícias Online, 11/12/2017	60
36. Cerca de 75% dos médicos do norte insatisfeitos com trabalho no SNS, SIC Notícias Online, 11/12/2017	62
37. Remuneração e horários afastam médicos do Serviço Nacional de Saúde, Sábado Online, 11/12/2017	64
38. 1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado - estudo, TSF Online, 11/12/2017	65
39. Excesso de trabalho e ordenados baixos afastam médicos do serviço público, TSF Online, 11/12/2017	66
40. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS - estudo, TSF Online, 11/12/2017	67
41. ?Não é porque querem que os médicos correm entre público e privado?, TSF Online, 11/12/2017	69
42. Ordenados e excesso de trabalho levam médicos a sair para o privado, TVI 24 Online, 11/12/2017	70

Porque saem os médicos do Serviço Nacional de Saúde?

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=f9a38661-e907-4d14-9129-d89db295452a&userId=bee090fd-4f41-4d8d-8871-d112cbb51a23>

O abandono é geral. Apenas um em cada 10 médicos pretende ficar a trabalhar no Serviço Nacional de Saúde. Os clínicos internos, os mais jovens, 4 em cada 10, pretendem emigrar. É o resultado de um estudo do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.
Declarações de Marinela Ferreira, autora do estudo.

Estudo sobre jovens médicos

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=c6d35de5-dbf3-43c5-bfa0-dd272b943b85&userId=bee090fd-4f41-4d8d-8871-d112cbb51a23>

Os jovens médicos estão a abandonar o Serviço Nacional de Saúde. Grande parte diz que prefere emigrar. Apenas um em cada 10 responde que pretende ficar no sector público, de acordo com um estudo do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.
Declarações de Miguel Guimarães, Bastonário da Ordem dos Médicos.

ID: 72615469

11-12-2017 09:05

Mais de um terço dos médicos da região norte que saiu do SNS foi trabalhar para o setor privado

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=ce6b4b43-498d-4986-8d45-d5cfc31b49fd&userId=bee090fd-4f41-4d8d-8871-d112cbb51a23>

Mais de um terço dos médicos da região norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde foi trabalhar para o setor privado. É uma das conclusões de um estudo divulgado esta manhã pela agência Lusa.

Repetições: Antena 1 - Notícias , 2017-12-11 10:08

1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Atlas da Saúde Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=872031fc>

Estas são algumas das conclusões do estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal em colaboração com a Ordem dos Médicos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado.

Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração, mostra o estudo efetuado por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS.

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal.

Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

2017-12-11 10:09:05+00:00

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Atlas da Saúde Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=976e6d3d>

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (.). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com

cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

2017-12-11 10:07:46+00:00

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Correio da Manhã Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f044272>

06:30

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo

disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Por Lusa

1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado - estudo

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=44c02273>

2017-12-11 06:30

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade.

Estas são algumas das conclusões do estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal em colaboração com a Ordem dos Médicos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado.

Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração, mostra o estudo efetuado por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS.

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal.

Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

Lusa

1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=7b0eb1a1>

2017-12-11 06:30

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram as razões da troca

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade.

Estas são algumas das conclusões do estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal em colaboração com a Ordem dos Médicos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado.

Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração, mostra o estudo efetuado por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS.

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal.

Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

Lusa

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS - estudo

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=8d0ae64>

2017-12-11 06:30

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo

disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Lusa

Estudo indica que quase 50% dos médicos jovens pensam em emigrar depois de conseguirem título de especialista

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Meio: Expresso Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=d2df50ab>

nuno fox

Só 11,4% dos médicos inquiridos disseram que que nenhum valor monetário os tiraria do país

Expresso

Pensar nas hipóteses de progressão de carreira, melhores salários ou ficar em Portugal. É com estas dúvidas que muitos jovens médicos portugueses se debatem.

Num estudo, intitulado "A carreira médica e os factores determinantes da saída do SNS", onde foram inquiridos 2283 médicos, cerca de 47,6% admitiu que pondera emigrar depois de conseguir o título de especialidade; só 11,4% disse que nenhum valor os tiraria do país. Esta notícia é avançada esta segunda-feira pelo "Público".

Este estudo, baseado em inquéritos a três grupos distintos de profissionais inscritos na Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos (OM) - especialistas, jovens ainda fazer a especialidade e médicos que já abandonaram o serviço público -, é o primeiro do género em Portugal.

O inquérito concluiu que independentemente do grupo etário e da condição profissional, é transversal a insatisfação com o SNS.

O único aspecto em que a maior parte médicos disseram estar satisfeitos foi no relacionamento com os colegas.

"Há um desencontro entre o funcionamento do SNS e as necessidades e expectativas dos médicos, que são o seu capital mais valioso", explicou a coordenadora deste trabalho de investigação, Marianela Ferreira, do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, em declarações ao matutino.

"Não tem havido incentivos para fixar os médicos, o SNS não tem sido competitivo", disse.

2017-12-11T08:16:30.000Z

Expresso

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Impala Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=c7a40193>

2017-12-11 06:30:00+00:00

Lisboa, 11 dez (Lusa) - Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (.). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo

disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

ARP // PMC

By Impala News / Lusa

1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: JM Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=342ffa6a>

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade.

Estas são algumas das conclusões do estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal em colaboração com a Ordem dos Médicos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado.

Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração, mostra o estudo efetuado por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS.

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal.

Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

2017-12-11 08:25:00

1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado - estudo

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=822bf5f8>

2017-12-11 06:30

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade.

Estas são algumas das conclusões do estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal em colaboração com a Ordem dos Médicos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado.

Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração, mostra o estudo efetuado por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS.

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal.

Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

Lusa

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: JM Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3f900c90>

Mon, 11 Dec 2017 07:36:00 +0100

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo 'A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)', realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo

disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS - estudo

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=18875631>

2017-12-11 06:30

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo

disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Lusa

1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado - estudo

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=ccff5ff9>

2017-12-11 06:30

LusaHoje às 06:30, atualizado às 06:32FacebookTwitterPartilharComentar

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade.

Estas são algumas das conclusões do estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal em colaboração com a Ordem dos Médicos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado.

Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração, mostra o estudo efetuado por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS.

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal.

Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

Lusa

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS - estudo

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Jornal de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=989540b>

2017-12-11 06:30

LusaHoje às 06:30, atualizado às 06:32FacebookTwitterPartilharComentar

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo,

sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Lusa

Quase metade dos médicos especialistas recebem menos de 3.000 euros brutos por mês

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Meio: Jornal Económico Online (O) - Jornal Económico Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3540dda9>

Quase metade dos médicos especialistas recebem menos de 3.000 euros brutos por mês

Jornal Económico com Lusa

08:00

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado. A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão. Continuar a ler

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (.). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

2017-12-11 08:00:30+00:00

Jornal Económico com Lusa

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Minho Online (O)

URL: <https://ominho.pt/tres-quatro-medicos-do-norte-insatisfeitos-condicoes-no-sns/>

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (.). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Mon, 11 Dec 2017 13:54:33 +0100

O MINHO

Remuneração e horários afastam médicos do Serviço Nacional de Saúde

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Negócios Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=7385339f>

11 de dezembro de 2017 às 09:22

Um estudo da Universidade do Porto mostra que um terço dos médicos foram trabalhar em exclusivo para o privado e que quase metade dos jovens médicos ponderam emigrar após concluir o internato de especialidade.

A remuneração, o número de horas de trabalho, a progressão na carreira e as condições físicas e dos equipamentos. Estes são os cinco factores críticos apontados pelos médicos para sustentar a decisão de saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

De acordo com o estudo "A carreira médica e os factores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", noticiado esta segunda-feira, 11 de Dezembro, pela Lusa, Público e TSF, 36% dos que abandonaram o sistema público foram trabalhar em exclusivo para o privado, sendo que mais de 80% já antes acumulavam funções.

Continuar a ler

Enquanto 43% dos 812 que responderam ao inquérito realizado por Marianela Ferreira tenham saído por reforma, 7% decidiu ir exercer medicina no estrangeiro. A desilusão é mais visível entre os profissionais mais jovens: só um terço dos internos diz que "provavelmente" ou "definitivamente" ficará no sector público em Portugal; e quase metade admite a possibilidade de emigrar.

"É notório que a saída de médicos do SNS não se prende com o abandono do exercício da medicina, mas sim com a procura de melhores condições para o exercício da actividade médica", refere a investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, citada pela TSF, que escreve que metade dos médicos não auferem mais de 3.000 euros brutos mensais.

Apresentado como o primeiro grande estudo sobre o abandono do SNS, este trabalho foi realizado em colaboração com a Ordem dos Médicos (OM) e trabalhou um universo correspondente aos 13.801 médicos inscritos na OM do Norte, 27% do total nacional. O bastonário, Miguel Guimarães, referiu ao Público que este exercício, abrangendo especialistas, internos e médicos que saíram para o privado, vai ser alargado às zonas Centro e Sul.

Negócios

Cerca de 60% dos portugueses têm obesidade ou risco de desenvolver a condição

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Netfarma Online

URL: <http://www.netfarma.pt/noticia/portugueses-obesidade-risco-estudo>

Cerca de 60% dos portugueses têm obesidade ou risco de desenvolver a condição

11 de dezembro de 2017

Cerca de 60% dos portugueses têm obesidade ou risco de desenvolver essa condição, segundo os resultados de um estudo do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP) a que a "Lusa" teve acesso.

As conclusões do estudo, que estimou pela primeira vez a prevalência da obesidade em todos os segmentos etários da população portuguesa, revelam que 22% dos portugueses têm obesidade e 34% pré-obesidade (estado em que um indivíduo já se encontra em risco de desenvolver obesidade).

Somando os dois valores, constata-se que seis em cada dez portugueses (60% da população) são pré-obesos ou obesos, indicou Andreia Oliveira, investigadora da Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit) do ISPUP e primeira autora do estudo.

Neste estudo, coordenado pela investigadora Carla Lopes, foram avaliadas as prevalências de obesidade generalizada (através do cálculo do índice de massa corporal) e central (perímetro da cintura), com recurso aos dados do Inquérito Alimentar Nacional e de Atividade Física (IAN-AF) 2015-2016, divulgados em março deste ano.

Analisando os dados por sexo, faixa etária e nível de escolaridade, concluiu-se que a obesidade é significativamente superior nas mulheres, nos mais idosos e nos indivíduos menos escolarizados, o que os torna grupos de risco.

Relativamente à obesidade abdominal, definida como a razão entre o perímetro da cintura e o perímetro da anca e calculada apenas para a população adulta, verificou-se que os homens são os mais afetados, particularmente os mais idosos.

Com este estudo, conseguimos ver o aumento gradual da obesidade ao longo da idade e percebemos que nas crianças e adolescentes já há uma percentagem bastante considerável de pré-obesidade (17% e 24%, respetivamente), valores sobem nos adultos e aumentam muito nos idosos, explicou Andreia Oliveira.

Segundo a investigadora, as prevalências de obesidade estão a aumentar consideravelmente em todo o mundo, podendo a situação daqui a uns anos tornar-se mesmo caótica.

Se hoje em dia os níveis de pré-obesidade e de obesidade são já tão elevados em idades precoces, no futuro veremos que a percentagem de obesos poderá ser ainda maior, dado que sabemos que há uma elevada probabilidade de uma criança obesa vir a ser um adulto obeso, considerou.

Para Andreia Oliveira esta situação é duplamente problemática, porque a obesidade é um fator de risco para o aparecimento de várias outras doenças, como o cancro, as doenças cardiovasculares e

também patologias do foro psicológico.

Em termos de saúde pública, é um problema grave com grande prevalência no nosso país , frisou.

O estudo permitiu igualmente verificar que, aos 15 anos, há um ponto de inflexão nas prevalências de obesidade, ou seja, estas vêm a diminuir em anos anteriores, e nesta idade começam a aumentar.

A faixa dos adolescentes é na verdade aquela que parece apresentar piores indicadores, destacando-se o baixo consumo de fruta e hortícolas, a elevada ingestão de refrigerantes e a inatividade física, com base nos resultados do mesmo inquérito , notou.

Andreia Oliveira referiu ainda que, ao nível de intervenções específicas, existem programas e estratégias que estão a ser estudados e implementados e que o caminho deverá passar pela aposta em programas mais estruturais e pelo reforço da legislação .

A mudança das disponibilidades alimentares, a taxação de bebidas açucaradas e a criação de infraestruturas para a prática de atividade física são exemplo disso.

Este trabalho, designado "Prevalence of general and abdominal obesity in Portugal: comprehensive results from the National Food, Nutrition and Physical Activity Survey 2015-2016", foi distinguido no dia 26 de novembro, durante a cerimónia de encerramento do 21.º Congresso Português de Obesidade, na categoria "Obesidade e Comorbilidades".

Além de Andreia Oliveira e Carla Lopes fazem parte do estudo os investigadores Joana Araújo, Milton Severo, Daniela Correia, Elisabete Ramos e Duarte Torres.

Um terço dos médicos do Norte que abandonou o SNS foi para o privado

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b85ebcb0>

Mon, 11 Dec 2017 08:04:01 +0100

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade.

Estas são algumas das conclusões do estudo 'A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)', realizado na região Norte de Portugal em colaboração com a Ordem dos Médicos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado.

Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração, mostra o estudo efetuado por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS.

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal.

Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3d51f1db>

Mon, 11 Dec 2017 07:36:00 +0100

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo 'A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)', realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo

disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Observador Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=8b8cd58e>

11/12/2017, 7:45

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas".

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado. A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (.). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo,

sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira. O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Agência Lusa

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Porto Canal Online

URL: <http://portocanal.sapo.pt/noticia/141411>

11-12-2017 11:15

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo

disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Norte Porto Canal com Lusa



Metade dos jovens médicos admite emigrar quando já for especialista

Médicos do Norte, inquiridos num primeiro grande estudo sobre a carreira, estão insatisfeitos com longas jornadas de trabalho e falta de perspectivas de progressão. Estudo será alargado ao país

Estudo Alexandra Campos

Sair ou ficar no Serviço Nacional de Saúde (SNS), eis a questão. Uma questão que cada vez mais se coloca aos jovens médicos, que estão genericamente insatisfeitos com os horários prolongados, as deficientes condições de trabalho e a falta de expectativas de progressão na carreira. O descontentamento atinge níveis de tal forma elevados que metade dos médicos a fazer a formação na especialidade admite a possibilidade de emigrar no final do internato, indicam as conclusões de um estudo que é hoje divulgado.

Intitulado *A Carreira Médica e os Factores Determinantes da Saída do SNS*, este que é o primeiro grande estudo sobre este fenómeno baseou-se em inquéritos a três grupos distintos de profissionais inscritos na Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos (OM) – especialistas, jovens ainda a fazer a especialidade e médicos que já abandonaram o serviço público.

Independentemente do grupo etário e da condição profissional, os resultados preliminares provam que é transversal a insatisfação com o SNS por diferentes razões, com o excessivo número de horas de trabalho semanal à cabeça. O único aspecto em que a maior parte dos 2283 médicos dos três grupos que responderam ao questionário online se mostram globalmente satisfeitos é no relacionamento com os colegas.

Mas é entre os mais novos que as perspectivas em relação ao futuro se apresentam sombrias: cerca de quatro em cada dez afirmam que não esperam continuar no SNS depois de terminarem o internato de especialidade e metade considera a possibilidade de emigrar para exercer medicina no estrangeiro. Apenas um em dez afirma que irá com certeza continuar no SNS e que nenhum valor o fará sair de Portugal. “Há um desencon-

tro entre o funcionamento do SNS e as necessidades e expectativas dos médicos, que são o seu capital mais valioso”, sintetiza a coordenadora deste trabalho de investigação, Mariana Ferreira, do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, que realizou o estudo em colaboração com a Secção Regional do Norte da OM. “Não tem havido incentivos para fixar os médicos, o SNS não tem sido competitivo”, lamenta.

Apesar de ser voluntária, esta amostra “é robusta e consistente”, acentua a investigadora, que nota que o universo deste trabalho correspondeu aos 13.801 médicos inscritos na OM/Norte (cerca de 27% do total nacional). O estudo vai ser agora alargado às outras duas regiões do país (Centro e Sul), adianta o bastonário da OM, Miguel Guimarães.

O que é comum à maior parte dos inquiridos é a apreciação negativa de variadas dimensões de funcionamento do SNS, como as longas jornadas de trabalho, as oportunidades de progressão na carreira e a remuneração, ainda que os graus de descontentamento variem consoante os grupos. Como seria de esperar, os médicos mais novos e os que optaram por sair do SNS (essencialmente para a emigração) foram os que se revelaram mais insatisfeitos.

Foi para tentar esclarecer com rigor as razões que justificam a saída do SNS que a investigação (a orientação coube à socióloga Alexandra Lopes, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto) incidiu também sobre os médicos que já abandonaram os hospitais e centros de saúde públicos.

Os resultados indicam que, neste grupo, a maior parte sse reformou (43,4%), um terço foi trabalhar exclusivamente para o sector privado e uma minoria (7%) emigrou. Por que saíram então estes profissionais do SNS? Genericamente porque estavam insatisfeitos com a remuneração oferecida, mas também com a falta de perspectivas de progressão na carreira e de participação na to-



Mais de mil médicos emigraram nos últimos três anos

Em três anos, entre 2014 e 2016, foram mais de mil (1225) os médicos portugueses que emigraram. Sairam para ir trabalhar sobretudo para o Reino Unido, a Suíça, a Alemanha, França e Espanha, indicam os últimos dados nacionais da Ordem dos Médicos (OM), que desde há anos monitoriza a emigração e contacta os profissionais para perceber quantos se fixaram de facto no estrangeiro.

A saída de médicos para trabalhar no estrangeiro não é um fenómeno novo, mas a OM começou a seguir com particular atenção este movimento nos últimos anos, perguntando a todos os médicos que pediram a documentação necessária para emigrar (os chamados *good standing certificates*) se concretizaram ou não essa intenção.

No ano passado, apesar de não ser possível fazer uma leitura rigorosa da situação — porque a Secção Regional do Sul da OM está mais atrasada e não contactou ainda 186 profissionais do total daqueles que pediram estes certificados —, as saídas diminuíram face a 2015, ano em que emigraram 475 médicos, o número mais elevado de sempre desde que há registo na OM. No ano anterior tinham emigrado 366 profissionais.

Em 2016, ainda só foi possível confirmar com rigor que foram trabalhar para o estrangeiro 198 médicos. No Norte, as saídas até suplantaram as do ano anterior (125 contra 113 em 2014), ao contrário do que aconteceu no Centro (22 contra 51). No Sul, os dados não são comparáveis (em relação ao ano passado só estão por enquanto confirmados 51 casos).

Além de procurarem melhores condições de trabalho e remuneração, há muitos médicos que saem do país também para fazerem a especialidade porque não conseguem uma vaga em Portugal ou porque não têm nota para fazerem a especialidade pretendida.

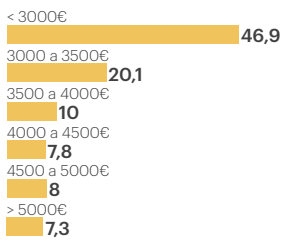
O que abrandou entretanto foi o movimento de saída por aposentação. Apesar de os médicos continuarem aparentemente muito descontentes com as condições do SNS, no último ano os casos de reforma diminuíram substancialmente, depois do pico atingido nos anos da *troika*. De acordo com o último Balanço Social do Ministério da Saúde, em 2016 aposentaram-se 237 médicos (72 com reformas antecipadas), quando em 2014 se reformaram 712, muitos deles antecipadamente.



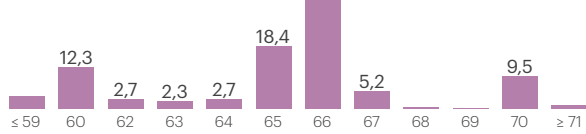
Resultados do estudo provam que insatisfação com o SNS é transversal

Para onde saem os médicos e quanto ganham

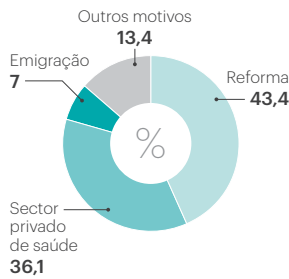
Vencimento bruto mensal dos médicos especialistas obtido exclusivamente com a actividade no SNS (%)



Idade com que os médicos especialistas ponderam sair do SNS para a reforma



Médicos que saíram do SNS Em %



Fonte: Relatório A Carreira Médica e os Factores Determinantes da Saída do SNS PUBLICO

mada de decisão. Mas a falta de tempo disponível para a família, amigos e actividades sociais de lazer foi a razão mais invocada.

Como seria de esperar, os médicos que emigraram foram os que evidenciaram níveis mais elevados de insatisfação em quase todas as dimensões, mas é particularmente notório o seu desencanto com as oportunidades de progressão na carreira.

Globalmente, mais de dois terços mostraram-se insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o SNS. Também o número de horas de trabalho por semana é grande fonte de descontentamento para a maioria – que diz que ultrapassa o que está estipulado, situação muitas vezes agravada pelo não cumprimento dos períodos de descanso compensatório.

“Temos grupos etários em contextos completamente distintos, mas é transversal a insatisfação face à estagnação da carreira médica”, afirma Mariana Ferreira. Os médicos ganham muito dinheiro? A crer nos resultados deste estudo, as remunerações (e aqui são considerados apenas os salários dos especialistas) são em média bem inferiores, por exemplo, às dos magistrados e dos

professores catedráticos. Quase metade declarou ganhar menos de três mil euros por mês brutos e apenas 7,9% disse auferir mais de cinco mil. Não foram, todavia, levados em conta aqui os rendimentos provenientes das horas extraordinárias que muitos médicos fazem no serviço público.

Seja como for e apesar de ser causa relevante de insatisfação, a remuneração não é elencada como a dimensão que mais conta para o descontentamento, sublinha Mariana Ferreira. A investigadora lamenta ainda que a carreira médica “seja desvalorizada” e avisa que, se este cenário não se alterar, “a continuidade do SNS pode estar em causa”. Autora do livro *Sair Bem* – em que analisou os trajectos profissionais de médicos e enfermeiros –, recorda também que, quando começou esse trabalho, quase 99% dos médicos inquiridos recusavam a hipótese de reforma antecipada. Um cenário bem diferente do actual, por razões que não se prendem com o facto de os médicos não apreciarem o SNS, mas com as mudanças das regras da aposentação e a degradação das condições de trabalho.

acampos@publico.pt

Probabilidade de os jovens médicos equacionarem emigrar após terminarem o internato

Nenhum valor me faria sair de Portugal



Não sei

Sim

Fonte: Relatório A Carreira Médica e os Factores Determinantes da Saída do SNS

“É grande a pressão para os médicos trabalharem mais horas”

Entrevista Alexandra Campos

Uma grande parte dos médicos até preferiria trabalhar no SNS se as circunstâncias fossem diferentes, afirma Miguel Guimarães, bastonário da Ordem dos Médicos (OM). “Se lhes dessem as condições adequadas, ficavam no SNS.”

Os resultados deste estudo vêm confirmar aquilo que pensavam?

Sim, percebemos que os médicos até gostam de trabalhar no Serviço Nacional de Saúde (SNS), têm boas relações com a equipa e com os outros profissionais, mas não estão satisfeitos com as condições de trabalho e com a pressão a que estão submetidos, nomeadamente para que façam mais horas extraordinárias e mais urgências. Este estudo vem confirmar, agora com rigor científico, as percepções que já tínhamos. Quisemos fazer uma análise personalizada de três grupos: os que estão a fazer o internato de especialidade, os especialistas e também os que já saíram do SNS. Os que saíram foram à procura de melhores condições de trabalho, de horários mais controlados.

Também deixaram o SNS por causa das remunerações. O estudo revela que quase metade dos especialistas ganha no sector público menos de 3 mil euros brutos, menos do que os magistrados e professores catedráticos. Mas há muitos que fazem horas extraordinárias para compensar, não é?

Claro, aliás, se olharmos para a totalidade do rendimentos dos médicos percebemos que uma parte significativa (23%) decorre das horas suplementares (horas extraordinárias, trabalho em regime de prevenção, etc.). Os médicos são o segundo grupo [dos trabalhadores do Estado] que mais horas extraordinárias faz, a seguir aos militares. Nos serviços de

urgência, é grande a pressão para que trabalhem mais horas e isto é uma bola de neve, um ciclo vicioso. No sector privado, a pressão não é tão grande. Por alguma razão nunca se ouviu falar, ali, de falta de médicos ou de enfermeiros. Mas o que se depreende também dos resultados deste estudo é que uma grande parte dos médicos até preferiria trabalhar no SNS se as circunstâncias fossem diferentes. Portanto, se lhes dessem as condições adequadas, ficavam no SNS.

O que é que o SNS oferece então aos médicos que os leva a optar por ficarem no sector público?

Há duas ordens de vantagens: a estabilidade de emprego e a carreira médica, o sustentáculo do SNS que se está a perder. Se a carreira for completamente descaracterizada, deixa-se de ter este elo forte. E os médicos têm sempre alternativas profissionais,



“Os que saíram foram à procura de melhores condições de trabalho, de horários mais controlados”

além de optarem pelo sector privado podem ir trabalhar para o estrangeiro, até porque possuem uma qualidade de formação extraordinária que é reconhecida. A nova geração de médicos é a geração da Internet, dos voos *low cost*, que domina perfeitamente o inglês. Quando saem, não têm ainda família constituída e acabam por ficar no estrangeiro. O problema é que a carreira médica está congelada, os concursos que deviam abrir todos os anos vão-se arrastando. Eu, por exemplo, sou assistente graduado há 13 anos e continuo a ganhar pela primeira posição remuneratória (numa escala que vai até cinco), quando já devia estar na quinta. Nunca progredi a este nível. Esta condição acaba por prejudicar-nos não só no presente mas também mais tarde, quando nos reformamos.

O que é que a Ordem dos Médicos propõe para alterar a situação?

É fundamental colocar a carreira médica em primeiro plano e reformá-la. Propus isto mesmo ao ministro da Saúde na carta de compromisso que lhe enviei em 30 de Agosto passado, mas não obtive qualquer resposta. Vou agora dar a conhecer os resultados deste trabalho ao senhor ministro e aos deputados na Assembleia da República. Esta reforma será feita em conjunto com os sindicatos médicos que, sublinhe-se, se têm batido nos últimos tempos pela reposição de remunerações, não por aumentos.

O número de profissionais de saúde até tem aumentado nos últimos dois anos...

Sim, porque cada vez há mais médicos internos a entrar no SNS. Mas quanto médicos especialistas têm saído entretanto? Actualmente, temos uma relação de dois especialistas para um interno, é a relação mais apertada dos países da União Europeia e a nossa capacidade de formação está no limite.



Edição Lisboa • Ano XXVIII • n.º 10.098 • 1,20€ • Segunda-feira, 11 de Dezembro de 2017 • Director: David Dinis Adjuntos: Diogo Queiroz de Andrade, Tiago Luz Pedro, Vítor Costa Directora de Arte: Sónia Matos

P



Entretenimento
Disney
e Fox
planeiam
fusão

Cultura, 26/27



Mikheil Saakashvili
O mestre das sete
vidas promete lutar
a partir da prisão

Mundo, 22/23

Benjamin Netanyahu
Palestinos têm de
aceitar Jerusalém
como a capital
de Israel

Mundo, 20

Metade dos jovens médicos admite emigrar quando já for especialista

Médicos do Norte inquiridos num grande estudo sobre carreiras queixam-se de excesso de trabalho e da falta de perspectivas de progressão. Mais de mil profissionais emigraram desde 2014 **Sociedade, 10/11**

Mau tempo Tempestade Ana fez um morto, dois feridos e mais de 400 ocorrências p12



PAULO PINHEIRO

“Vai haver uma próxima crise; há sempre uma nova crise”

Entrevista Responsável do BCE diz que banca tem de reduzir a exposição ao crédito malparado p2a4

UE tenta fôlego à defesa comum com três países de fora

Ministro dos Negócios Estrangeiros estará hoje em Bruxelas para oficializar a sua constituição p18/19

Cabo Verde ficou de fora da “lista negra” dos offshores

Cooperação com Portugal foi determinante para que o país não constasse da lista de paraísos fiscais p16/17

Direito de Resposta do Grupo Lena p8

ISSN-0872-1548

Metade dos jovens médicos admite emigrar quando já for especialista

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	11/12/2017
Meio:	Público Online	Autores:	Alexandra Campos

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=46b9be99>

11 de Dezembro de 2017, 6:12

Médicos do Norte, inquiridos num primeiro grande estudo sobre a sua carreira, estão insatisfeitos com longas jornadas de trabalho e com a falta de perspectivas de progressão na carreira. Estudo vai ser alargado ao resto do país.

Foto

Rui Gaudencio

Sair ou ficar no Serviço Nacional de Saúde (SNS), eis a questão. Uma questão que cada vez mais se coloca aos jovens médicos, que estão genericamente insatisfeitos com os horários prolongados, as deficientes condições de trabalho e a falta de expectativas de progressão na carreira. O descontentamento atinge níveis de tal forma elevados que metade dos médicos a fazer a formação na especialidade admite a possibilidade de emigrar no final do internato, indicam as conclusões de um estudo que esta segunda-feira vai ser divulgado.

Intitulado A carreira médica e os factores determinantes da saída do SNS, este que é o primeiro grande estudo da classe sobre este fenómeno baseou-se em inquéritos a três grupos distintos de profissionais inscritos na Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos (OM) - especialistas, jovens ainda fazer a especialidade e médicos que já abandonaram o serviço público.

Aumentar

Independentemente do grupo etário e da condição profissional, os resultados preliminares provam que é transversal a insatisfação com o SNS por diferentes razões, com o excessivo número de horas de trabalho semanal à cabeça. O único aspecto em que a maior parte dos 2283 médicos dos três grupos que responderam ao questionário online se mostram globalmente satisfeitos é no relacionamento com os colegas.

"O SNS não tem sido competitivo"

Mas é entre os mais novos que as perspectivas em relação ao futuro se apresentam sombrias: cerca de quatro em cada dez afirma que não espera continuar no SNS depois de terminar o internato de especialidade e metade considera a possibilidade de emigrar para exercer medicina no estrangeiro. Apenas um em dez afirma que irá com certeza continuar no SNS e que nenhum valor o fará sair de Portugal.

"Há um desencontro entre o funcionamento do SNS e as necessidades e expectativas dos médicos, que são o seu capital mais valioso", sintetiza a coordenadora deste trabalho de investigação, Marianela

Ferreira, do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, que realizou o estudo em colaboração com a Secção Regional do Norte da OM. "Não tem havido incentivos para fixar os médicos, o SNS não tem sido competitivo", lamenta.

Aumentar

Apesar de ser voluntária, esta amostra "é robusta e consistente", acentua a investigadora, que nota que o universo deste trabalho correspondeu aos 13.801 médicos inscritos na OM/Norte (cerca de 27% do total nacional). O estudo vai ser agora alargado às outras duas regiões do país (Centro e Sul), adianta o bastonário da OM, Miguel Guimarães.

O que é comum à maior parte dos inquiridos é a apreciação negativa de variadas dimensões de funcionamento do SNS, como as longas jornadas de trabalho, as oportunidades de progressão na carreira e a remuneração, ainda que os graus de descontentamento variem consoante os grupos. Como seria de esperar, os médicos mais novos e os que optaram por sair do SNS (essencialmente para a emigração) foram os que se revelaram mais insatisfeitos.

Mais de mil médicos emigraram nos últimos três anos

Foi para tentar esclarecer com rigor as razões que justificam a saída do SNS que a investigação (a orientação coube à socióloga Alexandra Lopes, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto) incidiu também sobre os médicos que já abandonaram os hospitais e centros de saúde públicos.

Os resultados indicam que, neste grupo, a maior parte reformou-se (43,4%), um terço foi trabalhar exclusivamente para o sector privado e uma minoria (7%) emigrou. Por que saíram então estes profissionais do SNS? Genericamente porque estavam insatisfeitos com a remuneração oferecida, mas também com a falta de perspectivas de progressão na carreira e de participação na tomada de decisão. Mas a falta de tempo disponível para a família, amigos e actividades sociais de lazer foi a razão mais invocada.

Como seria de esperar, os médicos que emigraram foram os que evidenciaram níveis mais elevados de insatisfação em quase todas as dimensões, mas é particularmente notório o seu desencanto com as oportunidades de progressão na carreira.

Globalmente, mais de dois terços mostraram-se insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o SNS. Também o número de horas de trabalho por semana é grande fonte de descontentamento para a maioria - que diz que ultrapassa o que está estipulado, situação muitas vezes agravada pelo não cumprimento dos períodos de descanso compensatório.

Aumentar

"Temos grupos etários em contextos completamente distintos, mas é transversal a insatisfação face à estagnação da carreira médica", afirma Marianela Ferreira.

Metade ganha menos de 3 mil euros brutos

Os médicos ganham muito dinheiro? A crer nos resultados deste estudo, as remunerações (e aqui são considerados apenas os salários dos especialistas) são em média bem inferiores, por exemplo, às dos magistrados e dos professores catedráticos. Quase metade declarou ganhar menos de três mil euros por mês brutos e apenas 7,9% disse auferir mais de cinco mil. Não foram, todavia, levados em conta aqui os rendimentos provenientes das horas extraordinárias que muitos médicos fazem no serviço público.

Seja como for e apesar de ser causa relevante de insatisfação, a remuneração não é elencada como a

dimensão que mais conta para o descontentamento, sublinha Marianela Ferreira. "Não é sobretudo por razões económicas que os médicos ponderam deixar o SNS", frisa.

Entre os especialistas, os médicos em cargos de chefia são uma minoria e para a generalidade dos clínicos a carreira está estagnada. Confessando-se "uma admiradora, uma fã deste grupo profissional de elite, que tem um poder enorme, mas trabalha muito por vezes até à exaustão", a investigadora lamenta que a carreira médica seja "desvalorizada" e avisa que, se este cenário não se alterar, "a continuidade do SNS pode estar em causa". "Não podemos desperdiçar estes recursos altamente qualificados", sustenta.

Marianela Ferreira, autora do livro Sair Bem - em que analisou os trajectos profissionais de médicos e enfermeiros -, recorda que, quando começou esse trabalho, quase 99% dos médicos inquiridos recusava a hipótese de reforma antecipada.

Um cenário bem diferente do actual, por razões que não se prendem com o facto de os médicos não apreciarem o SNS, mas com as mudança das regras da aposentação e a degradação das condições de trabalho. "Eles enfrentam um dilema muito grande entre a vontade de continuarem a ser médicos e a vontade de sair do SNS, face à instabilidade e às más condições".

Alexandra Campos

Estudo. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Renascença Online

URL: http://rr.sapo.pt/noticia/100443/?utm_source=cxultimas

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde. A conclusão é do estudo "A carreira médica e os factores determinantes da saída do SNS", realizado na região Norte de Portugal.

Apesar do descontentamento com os rendimentos (cerca de metade dos especialistas receber menos de 3.000 euros brutos mensais), esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efectivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado. Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspecto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas activos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma percepção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz.

11 dez, 2017 - 09:39

Renascença

Estudo. Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Renascença Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=49b1a58d>

Salário, número de horas exercidas e falta de oportunidades de progressão são as principais queixas

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde. A conclusão é do estudo "A carreira médica e os factores determinantes da saída do SNS", realizado na região Norte de Portugal.

Apesar do descontentamento com os rendimentos (cerca de metade dos especialistas receber menos de 3.000 euros brutos mensais), esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efectivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado. Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspecto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas activos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma percepção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz.

11 dez, 2017 - 09:39

Renascença

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no Serviço Nacional de Saúde

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Meio: RTP Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=9062b1b>

Lusa11 Dez, 2017, 07:29 | País

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar

insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

2017-12-11T07:29:25+00:00

SNS insatisfaz três em quatro médicos da Região Norte

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: RTP Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=caaaa169>

Carlos Santos Neves - RTP11 Dez, 2017, 10:30 | País

Foi esta segunda-feira divulgado o estudo A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde | Regis Duvignau - Reuters

Três em cada quatro médicos do norte do país mostram-se desagradosos com as condições laborais do Serviço Nacional de Saúde, mais de um terço dos profissionais que abandonaram o sector público foram trabalhar para o privado e perto de metade dos internos admitem emigrar. São estas as conclusões de um estudo realizado em colaboração com a Ordem dos Médicos, que apela à tutela para que melhore as condições de trabalho dos clínicos.

O estudo A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde é assinado por Marianela Ferreira, do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.

Ouvida pela agência Lusa, a investigadora sustenta que "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos". E recorda que as respostas foram voluntárias. Mais de dois mil médicos, num universo potencial de

mais de 13 mil inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016,

responderam às perguntas formuladas neste estudo.

Uma análise a cerca de 1400 rendimentos de especialistas do Serviço Nacional de Saúde revelou que quase 47 por cento auferem menos de três mil euros brutos por mês, 20 por cento recebem entre três mil e 3500 euros mensais, dez por cento entre 3.500 e quatro mil euros, 7,8 por cento de quatro mil a 4500 euros, oito por cento auferem cerca de cinco mil euros e 7,3 mais de cinco mil euros mensais.

Os clínicos inquiridos mostram-se insatisfeitos com os rendimentos. Todavia, aqueles que escolhem emigrar, reformar-se antecipadamente ou rumar ao sector privado não o referem como causa primordial. São, antes de mais, referidos o número de horas de trabalho, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas" e a ausência de possibilidades de progressão na carreira.

"Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", conclui o estudo, cujo conteúdo é revelado esta segunda-feira pela imprensa e pela Lusa.

Mais de 60 por cento dos médicos especialistas inquiridos disseram-se insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de serviço. A insatisfação cresce para 74 por cento no que diz respeito ao tempo disponível para família e lazer.

Destinos: privado ou emigração

Do estudo sobressai também o facto de mais de um terço dos médicos inquiridos na Região Norte ter trocado o SNS pelo sector privado. Outro dado a ressaltar é o de que metade dos internos admite

emigrar, uma vez concluído o internato da especialidade. Cerca de 80 por cento dos médicos inquiridos mostraram-se satisfeitos ou muito satisfeitos em matéria de relacionamento com os colegas.

A fase do estudo que avaliou os clínicos que deixar o Serviço Nacional de Saúde recolheu 812 respostas: 36,1 por cento dos médicos escolheram o privado em regime de exclusividade; cerca de 43 por cento seguiram para a reforma e sete por cento emigraram.

Quanto às idades, os médicos que optaram pelo sector privado rondava os 50 anos, aqueles que se reformaram tinham em média 68 anos os que emigraram tinham 40 anos.

Participaram no estudo perto de uma centena de internos. Quase 20 por cento indicaram a vontade de abandonar o SNS após o internato e mais de 40 por cento disseram-se indecisos, sendo que pouco mais de um terço afirmaram que "provavelmente" ou "definitivamente" ficarão no público.

Em suma, cerca de metade dos internos admitiu ponderar a emigração depois do internato da especialidade e só 11 por cento afixam que nenhuma remuneração os levaria a exercer no estrangeiro.

"Uma questão central"

Igualmente ouvido pela Lusa, sobre as conclusões do estudo de Marianela Ferreira, o bastonário da Ordem dos Médicos sublinhou receber, a um ritmo diário, chamadas de clínicos a um passo de deixar o SNS. Miguel Guimarães exorta mesmo o Ministério da Saúde a rever as condições da carreira.

"Todos os dias recebo chamadas de médicos que já emigraram, pretendem emigrar ou daqueles que vão trabalhar no sector privado. E o motivo tem a ver com uma questão central que são as condições de trabalho, que envolvem vários fatores que podem determinar a continuidade ou não das pessoas no Serviço Nacional de Saúde", explicou o responsável.

"Nos últimos anos a carreira médica não tem tido aplicação prática", reforçou.

O bastonário referiu, a título de exemplo da falta de aplicação da carreira médica, o caso do concurso hospitalar para médicos que concluíram em março a especialidade - o processo ainda não teve início.

Miguel Guimarães lê o estudo agora conhecido como uma "chamada de atenção" ao ministro Adalberto Campos Fernandes. A Ordem dos Médicos quer mesmo estender a avaliação às demais regiões.

c/ Lusa

2017-12-11T10:30:02+00:00

Metade dos jovens médicos admite emigrar quando já for especialista - Notícias

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Rádio Nova Online

URL: <http://www.radionova.fm/noticias/ler/33858>

11 de Dezembro de 2017 |

Tweet

11 de Dezembro de 2017 | por Público

Sair ou ficar no Serviço Nacional de Saúde (SNS), eis a questão. Uma questão que cada vez mais se coloca aos jovens médicos, que estão genericamente insatisfeitos com os horários prolongados, as deficientes condições de trabalho e a falta de expectativas de progressão na carreira. O descontentamento atinge níveis de tal forma elevados que metade dos médicos a fazer a formação na especialidade admite a possibilidade de emigrar no final do internato, indicam as conclusões de um estudo que esta segunda-feira vai ser divulgado.

Intitulado A carreira médica e os factores determinantes da saída do SNS, este que é o primeiro grande estudo da classe sobre este fenómeno baseou-se em inquéritos a três grupos distintos de profissionais inscritos na Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos (OM) - especialistas, jovens ainda a fazer a especialidade e médicos que já abandonaram o serviço público.

Independentemente do grupo etário e da condição profissional, os resultados preliminares provam que é transversal a insatisfação com o SNS por diferentes razões, com o excessivo número de horas de trabalho semanal à cabeça. O único aspecto em que a maior parte dos 2283 médicos dos três grupos que responderam ao questionário online se mostram globalmente satisfeitos é no relacionamento com os colegas.

"O SNS não tem sido competitivo"

Mas é entre os mais novos que as perspectivas em relação ao futuro se apresentam sombrias: cerca de quatro em cada dez afirma que não espera continuar no SNS depois de terminar o internato de especialidade e metade considera a possibilidade de emigrar para exercer medicina no estrangeiro. Apenas um em dez afirma que irá com certeza continuar no SNS e que nenhum valor o fará sair de Portugal.

"Há um desencontro entre o funcionamento do SNS e as necessidades e expectativas dos médicos, que são o seu capital mais valioso", sintetiza a coordenadora deste trabalho de investigação, Marianela Ferreira, do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, que realizou o estudo em colaboração com a Secção Regional do Norte da OM. "Não tem havido incentivos para fixar os médicos, o SNS não tem sido competitivo", lamenta.

Apesar de ser voluntária, esta amostra "é robusta e consistente", acentua a investigadora, que nota que o universo deste trabalho correspondeu aos 13.801 médicos inscritos na OM/Norte (cerca de 27% do total nacional). O estudo vai ser agora alargado às outras duas regiões do país (Centro e Sul), adianta o bastonário da OM, Miguel Guimarães.

O que é comum à maior parte dos inquiridos é a apreciação negativa de variadas dimensões de funcionamento do SNS, como as longas jornadas de trabalho, as oportunidades de progressão na carreira e a remuneração, ainda que os graus de descontentamento variem consoante os grupos. Como seria de esperar, os médicos mais novos e os que optaram por sair do SNS (essencialmente para a emigração) foram os que se revelaram mais insatisfeitos.

Foi para tentar esclarecer com rigor as razões que justificam a saída do SNS que a investigação (a orientação coube à socióloga Alexandra Lopes, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto) incidiu também sobre os médicos que já abandonaram os hospitais e centros de saúde públicos.

Os resultados indicam que, neste grupo, a maior parte reformou-se (43,4%), um terço foi trabalhar exclusivamente para o sector privado e uma minoria (7%) emigrou. Por que saíram então estes profissionais do SNS? Gericamente porque estavam insatisfeitos com a remuneração oferecida, mas também com a falta de perspectivas de progressão na carreira e de participação na tomada de decisão. Mas a falta de tempo disponível para a família, amigos e actividades sociais de lazer foi a razão mais invocada.

Como seria de esperar, os médicos que emigraram foram os que evidenciaram níveis mais elevados de insatisfação em quase todas as dimensões, mas é particularmente notório o seu desencanto com as oportunidades de progressão na carreira.

Globalmente, mais de dois terços mostraram-se insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o SNS. Também o número de horas de trabalho por semana é grande fonte de descontentamento para a maioria - que diz que ultrapassa o que está estipulado, situação muitas vezes agravada pelo não cumprimento dos períodos de descanso compensatório.

"Temos grupos etários em contextos completamente distintos, mas é transversal a insatisfação face à estagnação da carreira médica", afirma Marianela Ferreira.

Metade ganha menos de 3 mil euros brutos

Os médicos ganham muito dinheiro? A crer nos resultados deste estudo, as remunerações (e aqui são considerados apenas os salários dos especialistas) são em média bem inferiores, por exemplo, às dos magistrados e dos professores catedráticos. Quase metade declarou ganhar menos de três mil euros por mês brutos e apenas 7,9% disse auferir mais de cinco mil. Não foram, todavia, levados em conta aqui os rendimentos provenientes das horas extraordinárias que muitos médicos fazem no serviço público.

Seja como for e apesar de ser causa relevante de insatisfação, a remuneração não é elencada como a dimensão que mais conta para o descontentamento, sublinha Marianela Ferreira. "Não é sobretudo por razões económicas que os médicos ponderam deixar o SNS", frisa.

Entre os especialistas, os médicos em cargos de chefia são uma minoria e para a generalidade dos clínicos a carreira está estagnada. Confessando-se "uma admiradora, uma fã deste grupo profissional de elite, que tem um poder enorme, mas trabalha muito por vezes até à exaustão", a investigadora lamenta que a carreira médica seja "desvalorizada" e avisa que, se este cenário não se alterar, "a continuidade do SNS pode estar em causa". "Não podemos desperdiçar estes recursos altamente qualificados", sustenta.

Marianela Ferreira, autora do livro Sair Bem - em que analisou os trajectos profissionais de médicos e enfermeiros -, recorda que, quando começou esse trabalho, quase 99% dos médicos inquiridos recusava a hipótese de reforma antecipada.

Um cenário bem diferente do actual, por razões que não se prendem com o facto de os médicos não apreciarem o SNS, mas com as mudança das regras da aposentação e a degradação das condições de

trabalho. "Eles enfrentam um dilema muito grande entre a vontade de continuarem a ser médicos e a vontade de sair do SNS, face à instabilidade e às más condições".

Três em cada quatro médicos estão insatisfeitos

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=2f18eb99>

11 Dez 2017 08:58 // Nuno de Noronha // Notícias // Com Lusa

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (.). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Veja ainda: As frases mais ridículas ouvidas pelos médicos

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar

insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

11 dez 2017 08:58

Quase metade dos médicos quer emigrar quando se tornarem especialistas

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b2130ab4>

11 Dez 2017 08:56 // Nuno de Noronha // Notícias // Com Lusa

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade.

créditos: AFP

Estas são algumas das conclusões do estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal em colaboração com a Ordem dos Médicos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado.

Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração, mostra o estudo efetuado por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

Média de idades de 40 anos na altura de ir para fora

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS.

Veja ainda: As frases mais ridículas ouvidas pelos médicos

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal.

Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

3/4 dos médicos do norte insatisfeitos com SNS; 36,1% já saíram para privado

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: SIC Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=9a33ec09>

País

Rafael Marchante

11.12.2017 08h04

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade. Segundo um estudo realizado na região Norte de Portugal, em colaboração com a Ordem dos Médicos, três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar

insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado. Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS. A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal. Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

Com Lusa

11.12.2017 08h04

Cerca de 75% dos médicos do norte insatisfeitos com trabalho no SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: SIC Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=624d883f>

País

Rafael Marchante

11.12.2017 08h04

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade. Segundo um estudo realizado na região Norte de Portugal, em colaboração com a Ordem dos Médicos, três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar

insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado. Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS. A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal. Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

Com Lusa

11.12.2017 08h04

Remuneração e horários afastam médicos do Serviço Nacional de Saúde

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: Sábado Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=482710c2>

Por Negócios - Jornal de NegóciosA remuneração, o número de horas de trabalho, a progressão na carreira e as condições físicas e dos equipamentos. Estes são os cinco factores críticos apontados pelos médicos para sustentar a decisão de saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

De acordo com o estudo "A carreira médica e os factores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", noticiado esta segunda-feira, 11 de Dezembro, pela Lusa, Público e TSF, 36% dos que abandonaram o sistema público foram trabalhar em exclusivo para o privado, sendo que mais de 80% já antes acumulavam funções.

Enquanto 43% dos 812 que responderam ao inquérito realizado por Marianela Ferreira tenham saído por reforma, 7% decidiu ir exercer medicina no estrangeiro. A desilusão é mais visível entre os profissionais mais jovens: só um terço dos internos diz que "provavelmente" ou "definitivamente" ficará no sector público em Portugal; e quase metade admite a possibilidade de emigrar.

"É notório que a saída de médicos do SNS não se prende com o abandono do exercício da medicina, mas sim com a procura de melhores condições para o exercício da actividade médica", refere a investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, citada pela TSF, que escreve que metade dos médicos não auferem mais de 3.000 euros brutos mensais.

Apresentado como o primeiro grande estudo sobre o abandono do SNS, este trabalho foi realizado em colaboração com a Ordem dos Médicos (OM) e trabalhou um universo correspondente aos 13.801 médicos inscritos na OM do Norte, 27% do total nacional. O bastonário, Miguel Guimarães, referiu ao Público que este exercício, abrangendo especialistas, internos e médicos que saíram para o privado, vai ser alargado às zonas Centro e Sul.

09:22

por

Negócios

1/3 dos médicos do Norte que abandonou SNS foi para o privado - estudo

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=9781e050>

2017-12-11 06:30

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade.

Estas são algumas das conclusões do estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal em colaboração com a Ordem dos Médicos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado.

Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração, mostra o estudo efetuado por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS.

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal.

Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

Lusa

Excesso de trabalho e ordenados baixos afastam médicos do serviço público

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 11/12/2017
Melo: TSF Online Autores: Nuno Guedes

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=7afba05e>

Mon, 11 Dec 2017 08:12:00 +0100

Estudo revela ainda que mais de metade dos médicos do Serviço Nacional de Saúde também trabalham no privado. O excesso de horas de trabalho e os ordenados que dizem ser baixos são as principais razões que levam os médicos a abandonar o Serviço Nacional de Saúde (SNS). A conclusão é de um estudo feito pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto em colaboração com a Secção Regional Norte da Ordem dos Médicos que revela ainda que 54,4% dos médicos acumulam funções no público e privado. O trabalho coordenado pela investigadora Marianela Ferreira inquiriu apenas os clínicos da região Norte, mas o universo abrange 14 mil médicos com vários milhares a responderem ao inquérito. Os resultados dizem que 60,5% dos médicos especialistas ouvidos disseram estar insatisfeitos ou mesmo muito insatisfeitos com o excesso de horas trabalhadas e 74,1% a queixarem-se do pouco tempo que passam com a família e amigos, com mais de metade a dizerem que é muito frequente ou praticamente todos os dias que ultrapassam o horário normal de trabalho. Depois, outro fator a afastar os médicos do SNS é a falta de oportunidades de progressão na carreira, além dos incumprimentos dos descansos compensatórios obrigatórios pelo trabalho extra. Para a investigadora principal do estudo, "é notório que a saída de médicos do SNS não se prende com o abandono do exercício da medicina, mas sim com a procura de melhores condições para o exercício da atividade médica", com o trabalho a revelar que quatro em cada dez internos ponderam sair do serviço público no fim da especialidade. Sem expectativas profissionais O estudo revela que metade dos médicos não ganha mais de 3 mil euros brutos, sendo que o descontentamento com salário se sente mais nos mais novos que estão em fases menos avançadas da carreira, sem "expectativas profissionais futuras". Se olharmos apenas para os médicos que efetivamente já saíram do SNS para o privado, mais de 71,5% dos 253 que responderam ao inquérito queixaram-se do salário no público, 55,4% do tempo para a família, 52,2% da falta de participação nas tomadas de decisões e 51% das horas em excesso de trabalho e das condições físicas e equipamentos que tinham ao dispor. Os números revelam ainda que "foram sobretudo os médicos mais novos e os que optaram por sair do SNS (sobretudo por emigração) aqueles que se revelaram mais descontentes", nomeadamente com o tempo de trabalho, as oportunidades de progressão na carreira e a remuneração.

Nuno Guedes

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos com condições no SNS - estudo

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=1a06b2a0>

2017-12-11 06:30

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal, mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (...). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo

disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Lusa

?Não é porque querem que os médicos correm entre público e privado?

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Meio: TSF Online

Autores: Nuno Guedes

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f7a7dad5>

Mon, 11 Dec 2017 08:25:00 +0100

Médicos queixam-se de ordenados baixos e bastonário pede regresso da dedicação exclusiva ao Serviço Nacional de Saúde com um prémio para quem só trabalha para o Estado. O Bastonário da Ordem dos Médicos defende uma revisão urgente das carreiras médicas e faz um apelo para que existam incentivos extra para garantir a exclusividade dos médicos no serviço público. Esta é a reação de Miguel Guimarães ao estudo feito pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto em colaboração com a Secção Regional Norte da Ordem dos Médicos, sublinhando que há cada vez mais médicos a irem só para o privado. O representante da classe profissional sublinha que a investigação mostra que o excesso de trabalho e de horas nos serviços é o principal problema dos médicos que os leva a ir de vez para o sector privado, para a reforma antecipada ou mesmo para o estrangeiro. Por outro lado, Miguel Guimarães defende que os médicos no Serviço Nacional de Saúde (SNS) ganham pouco. O estudo também revela que 54% dos médicos da região Norte que trabalham no público acumulam funções no privado, mas o bastonário defende que isso não é uma contradição com o facto de se queixarem de trabalharem horas em excesso no Estado. Para Miguel Guimarães, tantos médicos a trabalhar no privado apenas mostra que aquilo que ganham no sector público são valores "baixos, bastando consultar as tabelas" para o provar. A Ordem sublinha que no início deste mandato fez uma proposta ao governo de voltar a existir a opção de os médicos trabalharem apenas no SNS e mais horas, tendo uma remuneração acrescida a rondar os 40%. A proposta foi recusada, mas Miguel Guimarães defende que seria a melhor forma de combater este fenómeno, sublinhando que os médicos com quem fala "não querem ter uma vida de correr entre o público e privado, com muitos colegas a dizerem que querem mas não podem trabalhar só no SNS".

Nuno Guedes

Ordenados e excesso de trabalho levam médicos a sair para o privado

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 11/12/2017

Melo: TVI 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=26732469>

2017-12-11T09:04:00

Estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde" mostra ainda que 7% dos médicos decidiu emigrar por insatisfação no SNS

Mais de um terço dos médicos da região Norte que saiu do Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi trabalhar para o setor privado e quase metade dos internos pondera emigrar após concluir o internato de especialidade.

Estas são algumas das conclusões do estudo "A carreira médica e os fatores determinantes da saída do Serviço Nacional de Saúde (SNS)", realizado na região Norte de Portugal em colaboração com a Ordem dos Médicos.

Na fase do estudo em que se avaliaram os clínicos que saíram do SNS, foram obtidas 812 respostas e concluiu-se que 36,1% dos médicos que abandonaram o sistema público optaram por trabalhar em exclusivo no setor privado.

Cerca de 43% saíram do SNS por reforma e sete por cento para a emigração, mostra o estudo efetuado por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos.

A média de idades dos médicos que optaram por trabalhar apenas no setor privado foi de 50 anos, os que saíram por reforma apresentavam uma média de 68 anos e os que decidiram emigrar apresentavam uma média de 40 anos.

Dos 253 médicos que saíram do SNS para o privado, a esmagadora maioria (mais de 80%) já acumulava funções quando estava no SNS.

A remuneração, as condições físicas e de equipamentos, o número de horas de trabalho e a progressão na carreira foram os aspetos em que mais médicos que saíram do SNS para o privado mostraram a sua insatisfação em relação ao setor público.

Dos cerca de 100 internos que participaram no estudo, quase 20% diz que não ficará no SNS após terminar o internato de especialidade e mais de 40% manifesta completa incerteza. Pouco mais de um terço afirmam que "provavelmente" ou "definitivamente" permanecerá no setor público em Portugal.

Aliás, quase metade dos internos afirmou equacionar a possibilidade de exercer medicina no estrangeiro após o internato em Portugal e apenas 11% dizem que nenhum valor remuneratório o faria sair do país.

Três em cada quatro médicos do Norte insatisfeitos

Três em cada quatro médicos da região Norte estão insatisfeitos com as condições de trabalho no

Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente com os rendimentos, com cerca de metade dos especialistas a receber menos de 3.000 euros brutos mensais.

O estudo mostra globalmente que os médicos estão descontentes com as condições de trabalho e que os que saem do SNS o fazem para procurar condições mais compensatórias.

Apesar do descontentamento com os rendimentos, esta não é uma das causas referidas pelos médicos que optam por sair do SNS, para emigração, reforma antecipada ou para o privado.

A insatisfação com o trabalho no SNS prende-se sobretudo com o número de horas efetivamente exercidas, "muito frequentemente acima das horas contratualizadas", e com a falta de oportunidades de progressão.

"Destaca-se a significativa insatisfação com o rendimento auferido do trabalho realizado no SNS (.). Apesar desta insatisfação generalizada com a remuneração, não se revelou um aspeto impulsionador da saída do SNS ou, em caso de aumento, de incentivo à permanência", refere o estudo conduzido por Marianela Ferreira, investigadora do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, com a colaboração da Ordem dos Médicos, a que a agência Lusa teve acesso.

O universo potencial do estudo era de mais de 13 mil médicos inscritos na Secção Regional Norte da Ordem em 2016, tendo respondido mais de dois mil médicos, sendo que a análise foi realizada em duas fases distintas: um grupo que integrou os médicos especialistas ativos a exercer no SNS e um outro em que estão incluídos médicos que já saíram do sistema público e os que estavam a realizar o internato da especialidade.

Em declarações à agência Lusa, Marianela Ferreira, autora do estudo, considera que do ponto de vista científico "a amostra é robusta" e "dá uma perceção de consistência relativamente aos resultados obtidos", lembrando que as respostas e adesão dos médicos ao estudo eram voluntárias.

Na primeira parte do estudo, numa análise a cerca de 1.400 rendimentos de especialistas no SNS, mostra-se que quase 47% recebem menos de 3.000 euros mensais brutos, 20% auferem entre 3.000 e 3.500 euros mensais, 10% recebem entre 3.500, a 4.000, 7,8% ganham acima de 4.000 e menos de 4.500 euros mensais, há 8% a ganhar perto de 5.000 euros e 7,3% conseguem num mês mais de 5.000 euros brutos.

Mais de 60% dos médicos especialistas inquiridos na primeira etapa do trabalho admitiram estar insatisfeitos ou muito insatisfeitos com o número de horas de trabalho, considerando-o excessivo, sendo que a percentagem de descontentamento sobre para os 74% quando está em causa o tempo disponível para a família, amigos ou lazer.

Também cerca de seis em cada dez médicos do Norte inquiridos se mostraram insatisfeitos ou muito insatisfeitos com a progressão na carreira.

O relacionamento com os colegas de profissão surge como o indicador que mais médicos satisfaz, com cerca de 80% a mostrarem-se satisfeitos ou muito satisfeitos.

Ordem pede ao Ministério para rever carreira

O bastonário da Ordem dos Médicos afirma que recebe diariamente chamadas de clínicos que vão abandonar o Serviço Nacional de Saúde e apela ao ministro da Saúde para rever a carreira médica, melhorando as condições de trabalho.

"Todos os dias recebo chamadas de médicos que já emigraram, pretendem emigrar ou daqueles que

vão trabalhar no setor privado. E o motivo tem a ver com uma questão central que são as condições de trabalho, que envolvem vários fatores que podem determinar a continuidade ou não das pessoas no Serviço Nacional de Saúde (SNS)", afirmou Miguel Guimarães à agência Lusa.

Um dos principais fatores, segundo o bastonário, é a carreira médica, que implica uma progressão e também um correspondente aumento remuneratório, que tem estado "praticamente congelado".

"Nos últimos anos a carreira médica não tem tido aplicação prática", declarou o representante dos médicos, apelando ao ministro da Saúde para fazer uma reforma, um reforço e uma aplicação prática da carreira médica.

Miguel Guimarães entende que a carreira médica é essencial, nomeadamente para que os jovens especialistas possam ficar no SNS.

Como exemplo da falta de aplicação da carreira médica, o bastonário apontou o caso do concurso hospitalar para médicos que terminaram a especialidade em março e que, em meados de dezembro, não arrancou ainda.

O resultado é haver médicos especialistas e a cumprir essas funções ganhando como internos, sendo que alguns destes clínicos já optaram por emigrar ou foram exercer funções no privado, acrescenta Miguel Guimarães.

/ AM